

LUIZ MENDES

03 de dezembro de 2002

Entrevistadores: Maria Aparecida Costa e Antony Devalle

Coordenadora geral: Heloisa Frossard

Coordenadora de pesquisa: Jacqueline Ludovice

Pesquisadores: Antony Devalle, Juan Jose Torres e Maria Aparecida Costa

P – Luiz Mendes, você poderia nos dizer o seu nome completo, local e data de nascimento e nos falar um pouco sobre a sua formação como jornalista.

LM – Meu nome completo é Luiz Pineda Mendes, o Pineda é de origem espanhola, era o nome de família da minha mãe. Eu nasci em Palmeira das Missões, no Rio Grande do Sul, a 9 de junho de 1924. E comecei a trabalhar em rádio, quer dizer, não foi bem em rádio, foi em um serviço de alto-falantes. Simultaneamente, eu fazia parte de um jornal da juventude, da cidade de Ijuí, próxima à cidade onde nasci. Esse jornal se chamava *Alerta* e era um veículo da juventude brasileira, segundo um registro que nós obtivemos através da interferência direta do presidente Getúlio Vargas no DIP (Departamento de Imprensa e Propaganda), que era a instituição que determinava, durante o Estado Novo, os destinos da imprensa e do próprio rádio no Brasil. Comecei minha carreira muito menino ainda – isso foi mais ou menos em 1941. Só depois ingressei no rádio mesmo, passou em Ijuí o dono de uma estação de rádio que funcionava em outra cidade vizinha, Santo Ângelo, ele me ouviu nos alto-falantes. A estação chamava-se *Rádio Missioneira*, e ele me convidou para fazer parte dos locutores. E eu fui, fiquei lá apenas um ano. Logo depois eu já estava fazendo um teste na *Rádio Farroupilha* de Porto Alegre, já para a área esportiva, mais precisamente para narração de futebol, profissão que se chamava, nesse tempo, *speaker* esportivo. Fui muito bem sucedido no teste para a *Rádio Farroupilha* e comecei, realmente, a minha carreira de narrador de futebol e, ao mesmo tempo, apresentava outros programas na *Rádio Farroupilha*. Ainda não havia no rádio, principalmente lá no Sul, nenhum tipo de especialização. Ninguém podia ser só uma coisa, o cara tinha que ser o homem dos sete instrumentos, como se dizia então. O sujeito atendia telefone, varria o estúdio, quando estava meio sujo, colocava o disco para tocar, ao mesmo tempo em que falava, como agora ocorre em algumas estações de FM. Eu fiz meio tudo no rádio, desde o meu início.

P – Como você chegou à *Rádio Globo*?

LM – Eu vim ao Rio fazer as transmissões de um jogo do campeonato brasileiro de seleções. Jogavam gaúchos e paulistas e eu vim fazer a transmissão para *Rádio Farroupilha*, a propósito, os gaúchos ganharam por 2 a 1. Nessa ocasião, eu soube que a *Rádio Globo* ia ser inaugurada no dia no dia 2 de dezembro. Esse jogo foi em fins de novembro, então, fui lá na rádio para ver se havia algum lugar para mim, já que eu queria ficar no Rio. Eu procurei o Rubens Amaral, que era o locutor-chefe, grande locutor que havia inaugurado a *Rádio Nacional*, depois foi pra *BBC*, de Londres, e que veio para ser o locutor-chefe da *Rádio Globo*, nosso encontro foi numa sorveteria que havia junto ao Hotel Serrador, entre as ruas Álvaro Alvim e Senador Dantas, na Sorveteria Americana. Eu soube que o Rubens estava lá fazendo um lanche, fui lá e me apresentei a ele. Ele disse assim “você tem experiência?”. Porque eu era muito menino, tinha uma cara de garoto. Ele disse “você tem alguma experiência?”. Aí peguei uma carteirinha, tipo crachá, e mostrei pra ele. Ele olhou e disse “você é locutor da *Rádio Farroupilha*?”. “Sou, está aqui!”. E ele continuou “então, amanhã, às três horas, você aparece”. Eu disse “vamos fazer um teste?”. Ele disse “não, se você é locutor da *Rádio Farroupilha* você vai ser locutor da *Rádio Globo*.”. E eu fundei a *Rádio Globo* assim, quase no grito, sem precisar fazer teste nem nada. Hoje é dia 3 de dezembro de 2002, ontem, a *Rádio Globo* fez precisamente 58 anos. E eu fico emocionado em ter estado lá, fui um dos que fundaram a *Rádio Globo*. Hoje, pelo que eu sei, só há dois dos fundadores em atividade. Um, sou eu mesmo e, na própria *Rádio Globo*, o outro é o Luís de Carvalho, que está na *Rádio Bandeirantes*. Nós dois somos os últimos dos moicanos.

P – Você já tinha essa voz na época?

LM – Sim, claro que a gente aprimora, vai adquirindo uma personalidade própria. Quando você começa, tem muitas influências. Eu escolhi bem as minhas influências. Por exemplo, tinha influência do Carlos Frias, que era o grande locutor da *Rádio Tupi* e que eu ouvia lá no Sul, do César Ladeira, que era o maior locutor brasileiro da época e que trabalhava na *Rádio Mayrinck Veiga*. Eu fui aprendendo com eles, porque continuei ouvindo esses locutores aqui no Rio. Até que eu fui adquirindo a minha própria forma de falar. Eu só ingressei na parte esportiva da *Rádio Globo* em 1947, três anos depois de eu estar atuando na rádio. Eu substituí o locutor Gagliano Netto, que era uma das grandes estrelas da transmissão esportiva daquele tempo. Ele, o Ary Barroso e o Oduvaldo Cozzi dominavam a sintonia no Rio de Janeiro. O Cozzi pela *Mayrinck Veiga*, o Ary Barroso pela *Tupi* e o Gagliano Netto pela própria *Rádio Globo*. Eu entrei substituindo o Gagliano, que foi fundar uma emissora 100% esportiva, como era o slogan da emissora, a *Continental*. Ele quis me levar com ele, e eu não quis ir, pois com a sua saída, a minha oportunidade estava criada. E, então, eu comecei a transmitir futebol. Em 1955, fui fazer televisão. A *TV Rio* foi inaugurada e ela fez uma pesquisa para saber quais eram os locutores do rádio que o público preferia. E, surpreendentemente, eu fiquei em primeiro lugar. Eu não esperava, eu era o mais novo de todos. Na verdade, ganhei e fiquei na *TV Rio* quinze anos sem fazer rádio. Nessa época, eu cometi, digamos assim, uma enorme injustiça com o rádio. Eu dizia que, com o advento da televisão, o rádio era diversão de cego. O que não é verdade, o rádio tem um lugar muito diferenciado e muito importante na Comunicação. Hoje eu ainda faço televisão, mas não assiduamente. Faço muitos programas de televisão como convidado, mas, na verdade, eu sou um radialista puro.

P – Como você passou de locutor a comentarista?

LM – Na televisão, eu havia adquirido um tipo de narração muito específica, apropriada ao veículo. Hoje não, os locutores de televisão fazem o rádio fotografado. Eles narram como se estivessem no rádio. Se você fechar os olhos, você está ouvindo uma transmissão de rádio. Não é como era antes. Eu, por exemplo, fazia uma transmissão, vamos dizer assim, para dar um exemplo de como era: “Pelé com a bola. Que lindo drible aplicou Pelé. Ele tem uma jogada na esquerda com o Pepe. Passou para o Pepe” – era uma transmissão adequada à televisão. Não era como hoje, “fulano com a bola”. Para quê? Se eu estou vendo tudo? Mas a verdade é que mudou muito o tipo de transmissão da televisão. Até porque, segundo diziam, muita gente, entre os telespectadores, fechava o som da televisão para ouvir a transmissão do rádio.

P – Até hoje creio que muitos o fazem.

LM – É verdade, mas os locutores da televisão, para evitar exatamente isso, começaram a transmitir como se estivessem no rádio. E continuam fazendo.

P – Na *Rádio Farroupilha* você já transmitia futebol?

LM – Claro. Como eu disse anteriormente, eu vim do Sul para o Rio de Janeiro para realizar a transmissão de um jogo. Lá, eu fazia transmissão de futebol e era o principal locutor das transmissões esportivas.

P – Embora você fizesse de tudo, você já gostava de futebol?

LM – Sim, inclusive, eu havia sido jogador de futebol no Esporte Clube São Luiz, de Ijuí, no Rio Grande do Sul. Joguei também nos juvenis do Grêmio, em Porto Alegre. Parei justamente quando fiz o teste para a *Rádio Farroupilha*. Aliás, eu escolhi bem. Imagina você se eu estaria jogando futebol hoje. O atleta pára de jogar com 30 ou, no máximo, 36 anos. Eu, no rádio, continuo firme até hoje. Porque a minha voz é a mesma de quando tinha 16 ou 17 anos, a mesma. O que não ocorreria fisicamente no caso de eu jogar futebol.

P – Na televisão, você foi um dos criadores de um tipo de programa que hoje em dia é muito popular no futebol, a mesa-redonda. Como foi a criação dessa mesa-redonda e que personalidades participavam com você?

LM – O Chacrinha dizia que, no mundo, nada se cria, tudo se copia. Houve uma noite em que, nas vésperas de uma eleição para a Câmara dos Deputados, quatro grandes cronistas políticos foram reunidos em um programa na *TV Rio*. Eram eles o Oliveira Bastos, da *Tribuna da Imprensa*, o Castellinho, do *Jornal do Brasil*, o Murilo Melo Filho, da *Manchete*, e o Villas-Bôas Corrêa, do *Correio da Manhã*. Eles estavam discutindo quem é que ia ter mais votos, se era o Lacerda, se era o Brizola etc... E todo mundo estava reunido na sala do Walter Clark, que era o diretor da *TV Rio*, ouvindo aquele programa, embevecidos. Quando eu entrei, não interrompi ninguém, porque vi que todos estavam todos muito atentos, me tornei atento também. Mas, comecei a pensar, se esse programa agrada tanto e por que é que a gente não faz isso com o futebol uma vez por semana? Os telespectadores só têm isso de quatro em quatro anos, quando tem uma eleição. No futebol podemos ter todas as semanas do ano. Escolheríamos os grandes nomes da crônica esportiva e colocaríamos aí. Falei logo sobre isso com o Walter Clark. Ele me olhou e não disse absolutamente nada. Depois de uns vinte minutos – ele me chamava de gaúcho, um tratamento carinhoso que ele me dava – ele me chamou e me disse “gaúcho, você encontrou o veio de ouro”. E eu “como?”. E ele “nós começamos com o programa em 15 dias, vamos escolher os componentes da mesa”. Ali mesmo nós escolhemos. Ele sugeriu o Armando Nogueira, que trabalhava como articulista do *Telejornal Pirelli*, que era apresentado às 19 horas pelo Léo Batista, que eu havia levado para a *TV Rio*, ele trabalhava comigo na *Rádio Globo*, quando eu saí, eu o levei para trabalhar comigo na *TV Rio*. Quem redigia o artigo de fundo, como se dizia na época – seria hoje a opinião do próprio jornal –, era o Armando Nogueira, então, o Walter o indicou. Alguém disse “o Armando é meio gago”. “Não tem importância. Vai falar ao natural”. E a grande estrela da televisão era um cidadão que comandava o trânsito do Rio de Janeiro e que era gago, o coronel Ardovino Barbosa, ele era um sucesso, mesmo sendo gago. Então, com esse exemplo o Walter garantiu a escolha do Armando Nogueira. Em seguida, eu indiquei o nome de um ex-técnico de futebol, o João Saldanha, que estava comentando futebol na *Rádio Guanabara* que havia formado uma grande equipe, com grandes locutores e grandes comentaristas, o Edson Leite era o diretor da *Rádio Bandeirantes*, de São Paulo – a *Bandeirantes* comprou a *Rádio Guanabara*, que hoje se chama também *Bandeirantes*. Eu me lembro que o Walter Clark ponderou “eu já sou acusado de vermelhinho, se trago para a *TV Rio* um declarado vermelhinho, aí é que vão falar mesmo”. Eu disse “não, mas ele é muito bom. Vamos trazer o João Saldanha”. Ok o Saldanha! Em seguida, o Walter indicou, como condutor do patrocinador, um cidadão chamado José Maria Escassa, que era um renitente rubro-negro. Era para ele fazer ali uma espécie de bandeira do Flamengo, e, ao mesmo tempo, trazer o patrocinador, que era uma fábrica de máquinas de escrever e de calcular, de Juiz de Fora, chamada Facit. E que era dirigida, por coincidência, por um diretor de futebol do Flamengo, Gunar Görenson, um sueco. A fábrica, aliás, era uma multinacional de origem sueca. Então, o Escassa trouxe o patrocínio. O outro que ficou faltando foi escolhido também pelo Walter, era o Nelson Rodrigues. Eu me lembro que fiz uma ressalva “o Nelson nem fala”, ele era calado como ele só. “Mas ele vai falar” disse o Walter. Então, se armou aquele programa e nós fomos tendo mil idéias. O Nelson defendia o Fluminense, o João Saldanha, o Botafogo, o Escassa, o Flamengo e como não tinha um que pudesse defender o Vasco, o Armando Nogueira também era Botafogo, trouxemos o Vitorino Vieira, vascaíno e funcionário da Facit. Uma coisa foi encaixando na outra e surgiu o programa que revolucionou a televisão esportiva, que passou a ser, eu diria até, que uma bíblia dominical do esporte brasileiro. Todo mundo esperava para ver o que é que o Nelson ia dizer, o que é que o Escassa ia dizer, o que é que o João ia comentar, como que é que o Armando Nogueira ia enfeitar a jogada em questão, ele faz do futebol uma verdadeira poesia.

P – Quanto tempo o programa esteve no ar?

LM – Ele ficou 10 anos no ar. Depois, foi para a *TV Globo*, com toda a equipe.

P – E como o programa se chamava?

LM – *Grande Revista Esportiva Facit*. O Augusto Melo Pinto era quem fazia o roteiro, colocando algumas perguntas interessantes sobre os assuntos, muitas vezes, para um de nós fazer. Nem sempre se seguia o *script*, mas tínhamos um roteiro muito bem elaborado. O programa não era muito bem servido de imagens, naquele tempo não se tinham imagens em videoteipe, só filmadas. Em 1962, mais ou menos por aí, é que surgiu o VT no Brasil. Na verdade, não tínhamos os recursos que existem hoje. Mas eu digo, sem falsa modéstia, que os programas eram muito melhores que os de hoje em dia.

P – Quais eram as estações de TV da época? E quais cobriam esporte?

LM – Nessa época, havia duas estações de TV: a *Tupi*, fundada em 1950, e a *TV Rio*, que foi a segunda estação inaugurada, em 1955. Posteriormente, surgiram a *Continental* e a *Excelsior*. Mas, com a criação da *TV Globo*, veja o que aconteceu: foram morrendo as outras estações.

P – Isso a partir de 1965, mais ou menos...

LM – Morreu a *Continental*, morreu a *Excelsior*, morreu a *Tupi*. Apagaram-se em função de um verdadeiro monstro que veio surgindo, *Rede Globo de Televisão*. Diziam que havia capital do *Time-Life* por trás dela. E as outras, que não tinham o capital nem do “tempo” e nem da “vida”, sucumbiram. A grande verdade é que elas foram morrendo porque a concorrência era verdadeiramente cruel. Hoje, eu fico feliz em ver que há tantas redes enfrentando o poderio da *TV Globo*. É bom para o público que fica em casa e assiste à televisão. Existe concorrência novamente. Eu sou um grande admirador Silvio Santos. Ele enfrentou, e enfrenta, todas essas tempestades, e enfrenta com galhardia. Quem vai lá a São Paulo e conhece as instalações do *SBT*, tem que aplaudir. Quando o Jô Soares estava no *SBT*, fez uma entrevista comigo e eu tive a ocasião de comprovar o belo trabalho que eles fazem. Nós que trabalhamos no meio, e vocês, que futuramente trabalharão, têm que aplaudir sempre a abertura de mercado de trabalho.

P – Quais dessas estações faziam transmissões esportivas no país?

LM – No começo, as duas faziam. A *Tupi*, com o Ary Barroso e o Antônio Maria, que eram os narradores, eles se alternavam, e depois com o Rui Viotti, esses foram os narradores da *Tupi*. E a *TV Rio*, em 1955, veio comigo, fazendo transmissões dos jogos principais e com o Léo Batista que fazia os outros jogos. Quando as outras estações entraram no ar começaram também as suas transmissões esportivas. A *Excelsior* quando entrou, entrou abalando. Eu me recordo que havia um programa na *TV Rio* que se chamava *O riso é o limite*, era um programa cômico de grande audiência, com os grandes atores, roteiristas etc. E a *Excelsior* contratou todos os cômicos da *TV Rio*, sem avisá-la, era para a *TV Rio* levar um golpe e na hora H não ter um programa para botar no ar. E eles colocaram o novo programa no mesmo horário e com os mesmos artistas que estavam consagrados através da *TV Rio*. Mas, como tudo vaza... O Péricles do Amaral, que era o diretor artístico da *TV Rio* correu no teatro de revista e apanhou vários astros, inclusive o Costinha, e levou todo mundo pro estúdio. O programa entrou no ar com outros artistas e não com aqueles que já estavam na *Excelsior* e que havia, no mínimo, faltado com a ética por não terem comunicado à emissora o seu desligamento. O Costinha era espetacular, tinha que ser controlado, ele era de uma liberalidade enorme. E, na ocasião, qualquer palavra mais grosseira dita dentro de uma televisão era perigosamente interpretada. E digo perigosamente porque as autoridades podiam suspender o artista e a própria estação, podia tirá-la do ar.

P – Você chegou a ter algum problema desse gênero?

LM – Eu nunca tive problemas com o que disse no rádio ou na TV, mas houve quem os tivesse. Aliás, eu tive um sim. Eu estava transmitindo o Grande Prêmio Brasil, de turfe, e eu ficava no caminhão. Em cima das imagens eu ia narrando. E ali tinha um cortador, e cortador parece que tem cócegas no dedo, ele fica cortando as imagens. Quando você está querendo ver uma coisa, ele tira e coloca outra imagem. Era o Carlos Alberto Dufler quem

estava cortando. De repente, apareceu a imagem da dona Yolanda Costa e Silva. Então, quando ela apareceu no vídeo, eu disse “ eis aí dona Yolanda Costa e Silva, a primeira-dama do Brasil” . Era essa a legenda que eu estava falando, nesta mesma hora, ele cortou o rosto da dona Yolanda e colocou a cara da égua tirolesa. Eu disse “ a primeira-dama do Brasil” , dei em com a imagem da égua tirolesa pela frente. Veio lá um coronel do Exército, entrou no caminhão e foi preciso muita explicação para ele se convencer que fora uma casualidade. Ele ficou acompanhando o serviço e viu que não podia ter havido uma má intenção da minha parte. Foi o único problema que eu tive. Depois, fiquei até amigo desse coronel.

P – Como era e como é ainda a relação dos jornalistas esportivos com os jornalistas de outras áreas, como política, economia por exemplo? Existe alguma diferenciação?

LM – Não, não. Somos todos amigos. Inclusive, quase sempre há uma coisa curiosa. Pode ser que um integrante da área esportiva dos meios de comunicação não goste de política. Mas nunca encontrei um político ou um repórter da área de política que não gostasse de futebol. Então, eles têm uma convivência muito boa conosco.

P – No início, não havia na imprensa muito interesse pelo esporte, não é verdade?

LM – Não, ele sempre foi de interesse. Todos os jornais sempre tiveram páginas inteiras sobre esporte. Os colunistas de esporte sempre foram valorizados. Havia um, cujo nome era Idalécio Mendes, não era meu parente, que escrevia no extinto *Diário de Notícias*, com o pseudônimo de José Brígido. Eu tenho a impressão de que ele foi o primeiro colunista fixo de um jornal. A gente esperava com uma certa sofreguidão as crônicas que ele escrevia nesse jornal. Havia um outro jornal, *Diário Carioca*, foi nele onde começou escrevendo o Armando Nogueira, sob o pseudônimo Arno: Ar de Armando e no de Nogueira. Logo identifiquei aquele sujeito, nem o conhecia, como um sujeito que escrevia maravilhosamente bem. Depois, eu fui viajar para fazer a Copa do Mundo de 1954 e o conheci pessoalmente, a bordo do mesmo avião. Ele ia para a mesma Copa, que se realizou na Suíça, e começou aí uma amizade muito antiga, desde esses tempos.

P – Aliás, você foi o único brasileiro a fazer a final desta Copa, não foi?

LM – A final da Copa de 1954 eu fui o único a cobrir.

P – Por quê?

LM – Houve um processo curioso, eu organizei os jogos e levei para o patrocinador. O Brasil para chegar à final teria que jogar cinco partidas. Então, a *Rádio Globo* vendeu a cobertura a um anunciante, Alberto Portela e Cia. Ltda., que representava os colchões Probel. Até fiz um texto curioso para inseri-lo, eu dizia “ antigamente, conforto era problema; hoje, conforto é Probel” . Eu me lembro que fiz esse texto e fomos com cinco jogos vendidos para o anunciante e com o pagamento feito para cinco transmissões. As coberturas das outras emissoras eram negociadas a cada jogo. E o Brasil só jogou três vezes. Então, eles não puderam irradiar Uruguai e Hungria e Alemanha e Hungria. Nós transmitimos todas essas partidas. Então, a penúltima partida e a última, eu transmiti sozinho. Eu tenho a impressão de que quando houve esse jogo decisivo da Copa de 1954, se montou no Brasil a maior rede já organizada, todas as emissoras entraram em cadeia com a *Rádio Globo*, todas. Então, ficou um só som em todos os rádios do país, como se fosse a *Agência Nacional* transmitindo.

P – E como foi o trabalho jornalístico nessa final?

LM – Foi um bom trabalho. A Suíça sempre foi muito organizada, não havia dificuldade nenhuma na parte técnica. Do Brasil, foram umas cinco emissoras de rádio: três de São Paulo e duas do Rio. Mas, acabou ficando uma só, a *Rádio Globo*. Fui o único porque fizemos uma previsão mais otimista: acreditávamos que o Brasil chegasse aos cinco jogos, então tratei de organizar a tabela de transmissão com essa perspectiva.

P – Qual a importância do *Jornal dos Sports* para a imprensa esportiva?

LM – Ela foi muito grande. Nós já tínhamos algumas publicações esportivas. A revista *Esporte Ilustrado*, para a qual eu escrevi por muito tempo. Havia o *Globo Esportivo*, *O Campeão* e o *Jornal dos Sports*, que já vinha de muito tempo. Foi o Gagliano Netto quem fundou o jornal, eu fui redator-chefe desse jornal. Ele circulava às segundas-feiras. Porque, nesse tempo, os jornais não tinham cadernos esportivos às segundas-feiras. Então, um jornal especializado tinha grande aceitação. *O Campeão* também foi um jornal de muita aceitação. Mas o *Jornal dos Sports* teve uma grande influência, principalmente para recrutar paixões. Houve um argentino que veio para cá, ele era chargista e fazia umas charges muito inteligentes. Molas era seu nome, ele desenvolveu um símbolo para cada clube. O Flamengo era marinheiro Popeye, o Botafogo era o Pato Donald, o Fluminense era um sujeito, assim, elegante, com cartola, para simbolizar a aristocracia do Fluminense, o Vasco era um almirante, com enormes bigodes, e tinha o seu Leopoldino, que era o Bonsucesso, porque era do bairro da Leopoldina, e assim sucessivamente. O São Cristóvão era um santo, com a auréola do santo e tal. E ele fazia umas piadas muito inteligentes no jornal. Fazia a tabela de classificação justamente colocando esses símbolos um atrás do outro, de acordo com a classificação. Vamos dizer que o Fluminense fosse o primeiro, estava lá o aristocrata na frente. O segundo era o Pato Donald, o terceiro era o Popeye, o quarto era o almirante e assim, de acordo com a classificação. Isso era publicado no *Jornal dos Sports*. Depois, criou também a “miss campeonato”, foi ele próprio quem as desenhou. Elas também iam alternando posições, no bom sentido, iam alternando essas posições entre primeiro, segundo, terceiro lugares, até terminar.

P – Qual é a diferença da cobertura esportiva no rádio, na televisão e na mídia impressa?

LM – Olha, é completamente diferente. Ao escrever para o jornal, você quase sempre analisa uma coisa que já se passou e já com a cabeça um pouco mais fria, isenta. Já o rádio é em cima do que acontece, a gente faz uma análise daquilo que aconteceu recentemente, às vezes sob influência de fatos que no dia seguinte já não lhe vão parecer tão importantes quanto pareciam ao término do jogo. A televisão, hoje, está igual ao rádio. Está fazendo as mesmas coisas que o rádio faz. Antigamente, o rádio era o único que expandia seu horário em uma verdadeira tarde esportiva. Você fazia um jogo, o jogo principal digamos, no Maracanã, mas tinha um locutor em São Januário, tinha outro no campo do Madureira, outro em Caio Martins. A televisão não fazia isso. Hoje, faz. A televisão foi indo para o mesmo caminho do rádio. E, hoje, ela concorre de igual para igual. Ela chega até a ultrapassar o rádio. Muitas vezes ela faz entrevistas dentro do vestiário, claro que com a câmera virada para um lugar estratégico. Ao rádio não é mais permitido esse acesso aos vestiários, a TV tem exclusividade, é ela quem paga o jogo. Quem manda no futebol é a televisão.

P – Isso prejudica a cobertura dos outros veículos?

LM – Eu acho que sim. Eu acho que a mesma liberdade que dão à televisão, deveriam dar ao rádio e ao jornal. O rádio faz a propaganda gratuita do futebol, ele não cobra nada para divulgar os grandes jogos. Quando ele anuncia “fulano de tal transmitirá o jogo Fluminense e São Paulo”, ele está divulgando o jogo, o rádio. Mas a televisão também faz isso, faz chamadas as para as transmissões e ainda paga pelo jogo. Vem daí a superioridade da televisão, é ela quem paga as transmissões. Eles fazem algumas restrições ao rádio, embora não deveriam fazer. Até por gratidão. Porque toda a fama do futebol, o crescimento da paixão e da popularidade se deve exatamente àquilo que foi o rádio antes da televisão chegar, principalmente antes da televisão chegar.

P – Você acha que o Leônidas da Silva poderia ter sido tão famoso quanto o Pelé, caso ele tivesse jogado futebol na época das transmissões pela TV e não na época do rádio, já que ele foi um super craque?

LM – Não tenha dúvida. Os meios de comunicação na era Pelé foram muito mais poderosos e tiveram uma penetração muito maior do que os meios de comunicação da época do Leônidas. Eu tive o privilégio de ver os

dois jogadores. Quando o André Ribeiro fez a biografia do Leônidas ele me perguntou “ quem foi melhor, Leônidas ou Pelé?”. E eu respondi “ melhor o Leônidas não foi, mas pior, também não”. Na verdade eu considero os dois igualmente geniais. E foram mesmo. O Pelé tinha algumas coisas melhores do que o Leônidas, e o Leônidas tinha outras melhores do que o Pelé. Por exemplo, a bicicleta que o Leônidas aplicava era imbatível, diz-se que ele foi o inventor da bicicleta, mas não foi. Houve outros jogadores, antes dele, que faziam esse lance. Só que não pedalavam em uma posição tão alta quanto ele o fazia. Ele ia lá em cima, ficava encolhidinho e dava um toque, realmente parecia que ele estava pedalando. Foi a partir do Leônidas que o Gagliano Netto batizou o lance como bicicleta. Mas antes dele, o lance já havia sido executado. O Petronilho de Brito fazia muitas bicicletas, ele era um jogador paulista que posteriormente foi jogar no San Lorenzo de Almagro, time da Argentina, era irmão do Valdemar de Brito, o descobridor do Pelé. Além de jogar no San Lorenzo, o Petronilho jogou no Flamengo e no São Paulo, o Valdemar participou da seleção brasileira de 1934. Antes, a bicicleta no Brasil era chamada de “ puxeta”, na Argentina era “ chilena”, porque lá foi um jogador chileno quem pela primeira vez fez uma bicicleta.

P – Hoje em dia, “ chilena” tem um outro sentido, não é verdade?

LM – Sim, aqui qualquer lance de costas é chilena, mas é uma deturpação. Não, nada disso. Chamam “ chaleira” também, em São Paulo. “ Chaleira” é uma corruptela de Charles, porque o primeiro jogador a bater com o pé para o lado de fora foi o Charles Müller. Daí, então, se deu o nome dele a um lance que ele executava com frequência. Houve também uma dança nos anos 30 que se chamava *charleston*, e essa dança era meio acrobática. Então, muita gente entendeu que o lance não era por causa do Charles Müller e passou a chamar de *charleston*. “ Chaleira” é mais uma corruptela, “ o lance de chaleira”. Agora, a bicicleta era “ puxeta” no Brasil e “ chilena” na Argentina.

P – Você considera que o jornalismo esportivo dá mais espaço para as inovações de linguagem do que outras áreas da Comunicação?

LM – Ah, não tenha dúvida. O rádio criou muitas gírias no futebol. Eu mesmo trouxe algumas expressões quando eu vim narrar futebol no Rio, trouxe o “ pelotaço”, termo que trouxe dos argentinos: *es un golaso, es un numeracho*, essa expressão eles dizem quando o cara faz um número muito bonito. Então, “ pelotaço” e “ golaço” foram termos que eu trouxe pela minha vivência na fronteira com a Argentina e o Uruguai. “ Cancha”, por exemplo, ninguém usava, só eu, porque lá eles dizem *cancha*. Muitos outros termos do repertório argentino-uruguaio fui eu quem trouxe para o futebol brasileiro.

P – Antigamente, usavam-se muitas palavras em inglês, não é verdade?

LM – Sim, a origem do esporte é inglesa. Mas, eu fui um dos primeiros a acabar com isso. Abrirei muitos termos, usava centro-médio, e não mais *center-half*. Não usava *full-back*; passei a usar zagueiro. O *half* direito, eu passei a usar lateral direito. E assim foi mudando. Antes, usava-se *insider* para o meia-direita ou para o meia-esquerda, ponta, eles chamavam até *winger*, centro-avante era *center-forward*. Mas, eu aí fui mudando, até porque era muito chato ficar enrolando a língua toda hora. Hoje eu estou com um medo desgraçado vendo esses computadores. Nós temos palavras para usar, mas usamos as dos ingleses, aliás mais dos americanos do que dos ingleses. E isso aí é uma volta ao anglicismo. Antigamente, o futebol era um veículo para isso, hoje, é o computador.

P – O futebol ainda é o “ clube do Bolinha” ou já existe espaço para a mulher cobrir o esporte?

LM – Ah, eu acho que sim. Na própria *Rádio Globo* existe uma moça, a Soninha, fazendo comentários. E ela entende de futebol, não é apenas uma voz feminina. Porque seria muito fácil: eu chego, pego uma moça e coloco para comentar futebol. Mas não funciona assim, você precisa entender de futebol para poder falar sobre

ele. Está se abrindo um espaço maior para as repórteres. Provavelmente, elas só não poderão entrar no vestiário. Mas, já existem algumas repórteres trabalhando em coberturas esportivas. Eu não acredito é que surjam locutoras esportivas, apesar de já ter havido uma.

P – Por que não?

LM – Não é costume, não é usual a mulher fazer a transmissão de futebol. Mas já houve duas: uma foi a Lúcia Helena que transmitiu em uma emissora de Rio Claro; quando ela veio para a *Rádio Nacional*, não conseguiu entrar nas transmissões e ela era uma grande locutora, excelente apresentadora, principalmente de programas musicais, os programas do rei da voz. Quando cantava o Chico Alves, era ela quem dizia “na metade do dia, quando os ponteiros se encontram, os ouvintes da *Rádio Nacional* também se encontram com o rei da voz, Francisco Alves”. Mas ela foi locutora esportiva no início de sua carreira no rádio. E houve outra na *Rádio Mulher*, em São Paulo. Mas não vingou, não chegaram a se firmar na função. Eu acho que a tendência é a das moças entrarem, principalmente, na reportagem de campo, aliás, já estão entrando.

P – E na televisão?

LM – Na televisão você também já vê algumas. O que eu acho um problema muito sério é a invasão de ex-jogadores de futebol no setor de cobertura esportiva. Isso aí contraria a lei. Só no Brasil as leis são feitas para que não sejam cumpridas. Hoje, os estudantes de jornalismo já estão encontrando, quando se formam, os lugares ocupados. Por quem? Por jornalistas? Não, mas por ex-jogadores de futebol e nem todos são capazes de respeitar ao menos a gramática, o que eu acho que é o mínimo que se pode exigir.

P – Você considera importante ter o diploma do curso de jornalismo para exercer a profissão?

LM – Creio que sim, o que eu acho que está faltando nas faculdades é o ensino da inflexão. Muitas vezes, você vê entrar no ar um estudante ou mesmo um jornalista formado que lê uma notícia como se estivesse fazendo uma leitura de sala de aula, como a gente fazia antigamente na aula de leitura. Não tem aquela batida, aquele ritmo de inflexão que é necessário ter. Eu acho que nunca passou pela cabeça dos que dirigem os cursos jornalísticos nas faculdades a idéia de que é preciso contratar um cidadão que tenha capacidade de ensinar a falar e a adquirir uma inflexão específica, para que eles cheguem ao rádio e à televisão com o ritmo adequado. Eu noto uma tremenda desafinação na leitura de notícias e de reportagens.

P – Eu já li que você considera importante para o jornalista esportivo conhecer bem a história do esporte? Você não acha que o conhecimento da História deveria ser geral para qualquer jornalista?

LM – Isso seria o ideal, mas é muito difícil. Em primeiro lugar é preciso ter uma grande memória. Às vezes, eu mesmo fico me perguntando como é que eu consigo me lembrar por exemplo do marcador de todos os jogos que eu narrei. Se você me perguntar, eu respondo “qual foi o marcador do primeiro jogo que você transmitiu?”. Eu transmiti pela primeira vez, na *Rádio Farroupilha*, um jogo entre o Grêmio e o Internacional, que se realizou num feriado que caiu em uma quinta-feira, 13 de maio. Nessa época o 13 de maio era feriado. Um Grenal, no campo dos Eucaliptos, o antigo estádio do Internacional. O Inter ganhou por 3 a 0. Eu me lembro do placar. Isso aconteceu em 1942, e eu me lembro. Todos os jogos que eu fiz, os jogos do Brasil, todos eles, nas Copas do Mundo, eu me lembro do placar, como é que aconteceu, me lembro de tudo. E isso aí não é de estudo, é boa memória. E eu tenho, modéstia à parte. Isso não é vantagem nenhuma, quem dá isso à gente é Deus. Mas, o conhecimento histórico é muito importante, pelo menos o básico.

P – No dia-a-dia, você nota que o conhecimento histórico faz falta em que circunstâncias?

LM – Os companheiros vivem me perguntando coisas porque eles sabem o que eu sei. Então me perguntam

uma porção de coisas. Outro dia, eu estava lendo um jornal na *Rádio Globo* e um colega virou-se para mim e perguntou “o Heleno de Freitas foi alguma vez campeão carioca?”. Eu “foi, em 1949, pelo Vasco”, nem tirei os olhos do jornal para responder ao cara. São essas coisas que o sujeito quer saber e não sabe, aí tem que pesquisar.

P – No jornalismo, a imparcialidade é quase um mito. Como o jornalista esportivo, principalmente um comentarista, lida com isso?

LM – Olha, eu sempre lidei com isso naturalmente, porque eu fui educado tendo que mentir sobre o meu clube de futebol. Eu cresci dentro do maior vulcão que existe no futebol brasileiro: a rivalidade do Grêmio com o Internacional. Basta que eu diga para vocês que o torcedor do Grêmio, no último Grenal que houve, pouco antes das eleições, torcedor petista do Grêmio, torcedor componente do Partido dos Trabalhadores, cuja bandeira é vermelha, eles levaram a bandeira do PT para dentro do estádio do Grêmio mas chegaram lá trocando as cores da bandeira do partido. A bandeira do PT virou azul, que é a cor do Grêmio, eu tenho até fotografia dessa bandeira. Você pode imaginar como a rivalidade é impressionante. O sujeito mudar a cor do seu partido, principalmente uma cor de que os partidários do PT têm tanto orgulho, que é a vermelha. Mas no Sul, vermelho não entra no Grêmio da mesma forma como o azul não entra no Internacional. O Papai Noel do Grêmio desce do helicóptero vestido de azul. O Papai Noel gremista não usa roupa vermelha, comum a todos os Papais Noel do mundo, menos ali. E foi dentro desse ambiente que eu me criei. E eu não podia deixar desconfiança nenhuma para os gremistas, para nenhuma das partes. Lá é dividido e os dois clubes têm torcedores em igual número. Então, os torcedores de uma metade não podiam pensar que eu fosse partidário da outra metade e vice-versa. Desta forma, eu aprendi a controlar o instinto e eu tento ser sempre imparcial. Todo mundo sabe que no Rio de Janeiro eu gosto do Botafogo, tanto que os meus amigos dizem por aí que agora eu vou à praia aos domingos, porque o Botafogo só joga na segunda, não é? Mas, a verdade é que eu não tenho essa coisa de fanatismo. Olha, eu só sofro mesmo é quando a seleção brasileira perde, aí, eu sofro de verdade. Em 1950, eu deveria ter ficado calejado porque aquela derrota foi terrível. Perder a Copa do Mundo dentro de casa como nós perdemos em 1950... E eu estava praticamente começando, foi a minha Copa do Mundo. E eu transmiti o jogo para *Rádio Globo*. A partir dali eu deveria não ter mais nenhuma tristeza, nenhum aborrecimento. Mas não, seleção brasileira ainda mexe comigo.

P – Você tem uma história especial com o gol do Uruguai, parece que você teve uma reação diferente...

LM – Realmente eu tive uma reação diferente. Eu vinha narrando normalmente o jogo. Com o empate a Copa era nossa, quando o Uruguai empatou, eu não fiquei muito preocupado porque achei que até o fim do jogo o Brasil mantinha o empate. Estava tudo armado na cidade para fazer uma festa como jamais haveria acontecido. Os jornais do Rio já estavam circulando com a foto da seleção brasileira como campeã do mundo. A *Noite Ilustrada*, até pouco tempo eu tinha essa edição, mas emprestei nunca mais a recebi de volta, deu na capa a foto da seleção em fila indiana, aqui no Brasil se usava colocar o campeão em fila indiana. E a manchete era “Brasil, campeão do mundo”. Esse jornal estava circulando nas ruas do Rio antes do jogo terminar. Então, o Brasil perde o jogo. Foi uma coisa terrível. Eu digo sempre que nessa ocasião eu ouvi o silêncio. Porque o silêncio era entrecortado de soluços, principalmente, das mulheres que estavam presentes ao estádio. Eu vi muito homem chorar, houve um que morreu. E eu matei um também, sem querer. Na hora em que eu narrei o segundo gol do Uruguai, um sargento da marinha teve um infarto e morreu. Segundo os jornais publicaram na época, ele estava ouvindo a minha narração do jogo.

P – E como foi que você narrou esse gol?

LM – Eu narrei o gol da seguinte maneira, fui levando a jogada, normalmente “Gighia driblou Bigode, Bigode caiu, tentou um carrinho, Gighia o ultrapassou assim mesmo, se aproxima da linha de fundo” era um lance muito parecido com o do primeiro gol, ele não centrou, “Chuta Gighia! Gol do Uruguai!”. Aí eu caí em mim, percebi

que naquele momento estávamos perdendo a Copa. E completei “gol do Uruguai? Gol do Uruguai, senhores”. Ainda existe a gravação desse lance em um registro muito ruim, a minha voz fica um pouco diferente porque ele era feito em arame magnético, que posteriormente foi substituído pela fita magnética.

P – Também existia um processo de gravação em cera, não é?

LM – Acetato, mais precisamente. Na gravação do mesmo jogo em acetato, a minha voz está mais aproximada do que era, a gravação foi doada ao Museu da Imagem e do Som. Lá eles empilharam uma em cima da outra, com o acervo da *Rádio Nacional*, das novelas e tudo o que continha, eles fizeram a mesma coisa, resultado: tudo se estragou, nada funciona mais. Por casualidade, um colecionador de Belo Horizonte, o Gerson Sabino, irmão do Fernando Sabino, guardou várias dessas gravações. Ele tinha coleções maravilhosas, após o seu falecimento não sei em que mãos foi parar a coleção dele. Certa vez ele mandou para um programa do qual eu participei com o Armando Nogueira, chamado *Na Grande Área*, as nove inflexões diferentes que eu dei neste gol do Uruguai.

P – é verdade que a origem da palavra torcedor está relacionada ao fato de o público ficar torcendo lenços durante o jogo?

LM – No começo do futebol, ir ao estádio era um ato de elegância, principalmente, no Fluminense. Por isso o Fluminense até hoje tem essa fama de clube aristocrático. As mulheres se enfeitavam como se fosse ao Grande Prêmio Brasil, colocavam vestidos de alta costura, chapéus, luvas. Mesmo que a temperatura na cidade estivesse por volta dos 40° de temperatura, elas iam de luvas. Como o calor era muito grande, elas tiravam as luvas e ficavam com as luvas nas mãos, e como ficavam nervosas com o jogo, elas as torciam ansiosamente. Os homens usavam a palheta, um chapéu de palha muito comum na época, muito elegante e também ficavam com o chapéu na mão enquanto torciam. O Coelho Neto, que além de poeta e cronista era pai de dois jogadores do Fluminense: o Preguinho, que foi o primeiro homem a fazer um gol pela seleção brasileira em uma Copa do Mundo, e do Mano, que morreu em consequência de um jogo de futebol, levou uma bolada e acabou morrendo; pois o Coelho Neto escreveu uma crônica em que ele usava a expressão “as torcedoras”, referindo-se às mulheres e dali a expressão pegou e nasceu a torcida. Havia quem dissesse que torcida vinha do fato de as pessoas torcerem os fatos, de o torcedor torcer os fatos a favor de seu clube, mas não foi daí que o termo veio não. Apesar de que quem torce, realmente torce as coisas e até distorce. Mas, na verdade, não foi por isso, foi mesmo pelo gesto das moças, principalmente, das que torciam as luvas entre as mãos.

P – Como surgiu o *slogan* “o comentarista da palavra fácil”?

LM – Eu acho que é porque eu sou muito tagarela. Certa vez, eu fui colaborar com a emissora *Continental*, que estava numa tremenda decadência e quem patrocinava o futebol da *Continental* era a Brahma, mesmo patrocinador de um programa sobre boxe que eu fazia na *TV Rio*. Nessa época, houve uma grande debandada da *Continental*, inclusive o Rui Porto saiu, e ele era um grande comentarista na ocasião. Nesse momento, o dono da Brahma me chamou e me pediu para eu colaborar com a emissora. Então, eu e o Mário Vianna, que trabalhava comigo na *TV Rio*, passamos a comentar futebol na *Continental* também. Eu tinha criado para o Mário Vianna, na *TV Rio*, o quadro *Um juiz julga o juiz*, porque ele havia sido árbitro e ele julgava a atuação dos demais. Fomos os dois para a *Continental*. O Carlos Marcondes, que era um executivo da emissora e que também atuava como comentarista, havia arrumado para ele mesmo um *slogan* até bastante inteligente “o comentarista da prova real”, e ele também havia escolhido um *slogan* para o Rui Porto “o comentarista de classe para todas as classes”. Como eu sempre fui esse tagarela que vocês estão vendo, ele criou “o comentarista da palavra fácil”, e pegou. Até hoje eu tenho a imensa responsabilidade de não ter dificuldade de falar.

P – Você também chefiou o departamento de jornalismo esportivo da *TV Educativa*, como foi essa experiência?

LM – Eu dirigi vários departamentos de jornalismo esportivo, o da *Rádio Globo*, entre 1947 e 1955, depois o da

*TV Rio*, durante 15 anos, posteriormente o da *TV Educativa*, por 12 anos e, emergencialmente, eu assumi por duas vezes chefiar o da *Rádio Nacional*, mas avisando logo que era temporário.

P – Por que você não queria assumir a chefia do jornalismo esportivo da *Rádio Nacional*?

LM – No mundo, você é muito boa pessoa até quando tem que escalar um companheiro para fazer determinada missão. No momento em que você escala um sujeito para um lugar que ele não gosta, ele passa a achar que você o está perseguindo. E eu jamais perseguiria alguém. Muitas vezes eu notei certa animosidade em relação a mim quando eu tinha que mandar um companheiro fazer alguma coisa. A gente não pode só escolher como missão de alguém só aquilo que ele gosta de fazer. Às vezes, se é obrigado a fazer coisas que necessariamente não é de nosso gosto. Com toda a sinceridade, uma das coisas mais agradáveis na vida é você não mandar em ninguém.

P – Mas, voltando à *TV Educativa*?

LM – Fui eu quem introduziu o esporte na *TVE*. Até então, só um programa esportivo, o *Stadium*, que até hoje existe. O ministro da Educação dessa época era o doutor Ney Braga, e ele era meu ouvinte sem eu saber, ele gostava de mim sem eu saber. Quando ele assumiu o Ministério, ao qual a *TVE* era vinculada, ele me chamou através do almirante Heleno Nunes, presidente da CBD, me chamar para uma conversa com ele. Nesse encontro, ele me pediu para eu dirigir o departamento de esportes da *TV Educativa*, e eu fiquei lá por 12 anos. Lá, introduzi as transmissões esportivas, programas de debates esportivos etc. Quando a ministra da Educação, Esther Figueiredo, assumiu, ela mandou terminar – com o perdão da redundância – terminantemente com o futebol na *TVE*, ela alegava que futebol não era cultura, e que a *TV Educativa* era uma emissora que tinha um compromisso com a cultura. Eu fiquei impressionado com isso, principalmente porque ela era professora, o carnaval e o futebol estão extremamente arraigados à cultura brasileira. Mas, na opinião da ministra eram coisas chãs, podem até ser, mas fazem parte da nossa cultura.

P – E do ponto de vista da televisão, a cobertura esportiva dava um bom retorno para a emissora?

LM – Bem, do meu ponto de vista pessoal, ela cometeu mais que um equívoco, um assassinato. Ela matou na *TV Educativa* aquilo que estava cada vez mais subindo em audiência. A *TV Educativa* já havia adquirido tanto prestígio que o governo dava a ela o direito de fazer transmissões sem pagar, enquanto as outras emissoras eram obrigadas a pagar. Foi o futebol que conseguiu a primeira verba externa da *TVE*. Antigamente, o placar do Maracanã anunciava “a Caixa Econômica Federal informa...”, porque quem construiu o placar para o estádio do Maracanã foi a CEF. Eu tinha um amigo que trabalhava na Caixa Econômica, ele era à época um dos diretores, o doutor Cláudio Medeiros, um dia ele me perguntou “por que é que vocês cortam o Caixa Econômica Federal quando anunciam o placar?”. Eu respondi “porque a *TVE* não pode veicular publicidade alguma”. Naquele tempo não podia, e ele retrucou “mas isso aí não é publicidade. Isso aí está lá, o placar está lá. Escuta, eu dou uma verba de um milhão por mês para vocês colocarem”. Eu fui à direção da *TVE*, apresentei a proposta e eles aceitaram. Claro, para dinheiro, ninguém diz que não. E ainda mais porque a Caixa não se configurava como um anunciante. O placar aparecia assim “a Caixa Econômica Federal informa”, aí tinha o tempo do jogo, um relóginho com o tempo do jogo, e aquele “Flamengo 1 x 1 Botafogo”, isso aparecia a todo instante. Eles injetaram uma verba anual de 12 milhões de cruzeiros, nada desprezível na época.

P – Você acha que a *TVE* de hoje conseguiu se firmar na área esportiva?

LM – Não, na minha opinião não conseguiu. Ela faz jornalismo esportivo mas não transmite mais os jogos. E era ela quem cedia as imagens para as outras emissoras. Depois desse golpe, da sangria que a má informação ou que a opinião de uma ministra da Educação executou no coração da *TV Educativa*, é claro que essa situação não se reverteu. Lá, eu lancei uma mesa redonda que se chamava *Terceiro Tempo*, eu até brincava “primeiro e

segundo tempos no estádio, *Terceiro Tempo* aqui, no estúdio da *TVE*". Hoje, existe um outro programa com esse nome, infelizmente eu não o registrei. Acho que é um programa da *TV Record*, coordenado pelo meu querido Milton Neves. Incrível, tem o mesmo nome do meu programa, nome criado por mim sem que eu ganhe qualquer *royalty* por isso, o que não deixa de ser injusto.

P – Como você vê o trabalho da imprensa na cobertura de CPIs de futebol, como as da *Nike* e da CBF?

LM – O trabalho da imprensa foi muito bom. Agora, o das CPIs é que a gente sentia que não ia dar em nada, até porque elas eram inconstitucionais já que as entidades esportivas são privadas. Algumas delas até com dirigentes que as tornam mais privadas ainda, no duplo sentido, elas não são passíveis de CPIs, são entidades não oficiais e não governamentais, e não recebem dinheiro de governo. Como é que os poderes da República, o executivo, o judiciário e o legislativo podem intervir na sua casa? É mais ou menos a mesma coisa, a CBF é uma casa particular. Eu tinha um *feeling*, eu percebia que isso não ia dar em nada, que só ia servir para propaganda eleitoral de determinados cidadãos que estavam à frente daquilo e que tinham o nome toda hora divulgado no rádio, na televisão, no jornal.

P – O futebol, e o esporte de uma maneira geral, estão intimamente ligados à política. Existe algum caso marcante que você tenha presenciado nesse sentido? Como na Copa do Mundo da Argentina, por exemplo?

LM – Na Argentina isso aconteceu. Na Inglaterra também, na Copa de 1966, aquela Copa foi feita para a Inglaterra ser campeã, ela nunca havia ganhado um campeonato mundial, aquele foi o único. Primeiro jogo, na abertura do campeonato mundial, jogaram Argentina e Inglaterra, houve um lance em que o jogador Ratín, maior jogador da Argentina, foi expulso de campo porque o árbitro o acusou de tê-lo ofendido com palavras de baixo calão. O problema é que o árbitro era alemão e não falava uma palavra de espanhol e o jogador não falava alemão, só o espanhol. Como é que o árbitro poderia entender o Ratín, não é? O Ratín saiu do campo, deu uma banana quando passou em frente à tribuna de honra, onde estava a rainha da Inglaterra, e foi até o canto do *corner*, onde estava a bandeira britânica a pegou, a rasgou puxando e a jogou no chão. Foi acusado de selvagem pela imprensa inglesa. Eles tiraram o melhor jogador da Argentina do campo para poder ganhar o jogo por 1 a 0. Depois, na decisão com a Alemanha, o gol de vitória da Inglaterra foi uma bola que não entrou. Comprovadamente não entrou. O segundo gol foi feito na prorrogação, com o campo totalmente invadido pelo público, com todas as ilegalidades possíveis. Em 1978, a história de repetiu, os militares argentinos também trabalharam para levar aquela Copa. Compraram o time do Peru, como confessou um dos seus jogadores depois, conseguiram que o Peru entregasse o jogo de tal forma que a Argentina fez saldo e o Brasil, que não perdeu nenhum jogo, foi eliminado. A Argentina perdeu um jogo e empatou outro e nós só empatamos um, com a própria Argentina, e ficamos em terceiro lugar. Foi quando o Coutinho declarou "somos os campeões morais". De fato até éramos, até dava para se dizer isso porque não perdemos nenhum jogo. Mas aquele campeonato estava com as cartas marcadas.

P – Foi uma época de muita tortura na Argentina. Nos porões eram tramadas muitas situações, dentre elas, a do futebol também.

LM – Todos os governos usam os esportes populares a seu favor, os nossos, aqui, também usaram. Em 1958, o Juscelino recebeu o time no Palácio do Catete, parecia que ele também era um dos jogadores campeões. Isso até é natural, ele era o presidente da República representando o seu povo e vivíamos em um regime democrático. Em 1962, a mesma coisa. Eu vim no avião dos jogadores brasileiros e tive que desembarcar em Brasília, eu estava lá e o Jango os recebeu maravilhosamente no Palácio da Alvorada. Em 1970, já em plena ditadura militar, o presidente Médici fez uma tremenda média com a população. Ele pegava um radinho, ficava ouvindo o jogo e dava palpite para o placar da partida, no último jogo, ele deu uma sorte tremenda, no dia, a edição de *O Globo* saiu com o palpite dele: Brasil 4 a 1 na Itália. E ele acertou o resultado. Lá de cima, algumas vezes, os que mandam por lá ajudam os ditadores. Nesse caso o Médici foi muito ajudado, ele ganhou uma popularidade

enorme em cima do futebol. Em 1994 foi a mesma coisa. Agora, em 2002, nós tivemos outra vez uma reprodução disso. Todos os regimes aproveitam, mas não interferem. A não ser nos casos da Argentina e da Inglaterra. Em geral eles faturam, mas não interferem no resultado dos jogos. Os jogos acontecem normalmente.

P – Você considera que a imprensa esportiva fez uma boa cobertura dessa relação da política com o esporte nas diferentes épocas?

LM – Fez, mas não com a amplitude da segurança da informação. Você não pode provar uma coisa dessas. Até hoje, mesmo tendo um jogador peruano confessado, ninguém pode dizer que aquilo foi verdade, que o Peru realmente morreu de véspera. Ninguém pode dizer isso. Não é verdade? E também, quem é que prova que houve um estratagema imoral para que a Inglaterra ganhasse em 1966? A gente sente, a gente vê, mas não pode provar.

P – Mas a imprensa chegou a divulgar alguma coisa.

LM – Sempre se divulgou, até hoje se divulga. Você lê ainda fatos das Copas de 1978 e de 1966 sempre com essas referências. Mas sempre no condicional. “A Argentina teria subornado”, porque ninguém pode afirmar como verdade uma coisa que não se tem prova concreta.

P – Como foi a experiência, em 1990, de fazer comentários sobre a Copa do Mundo para a *BBC* de Londres?

LM – Sem dúvida foi uma experiência gostosa, porque a *BBC* sempre foi tida como o símbolo da grande emissora mundial. A *BBC* na Europa e a *NBC* nos Estados Unidos. Eu estava na Copa do Mundo quando eu recebi esse convite da *BBC* para fazer comentários durante e depois dos jogos. Eles colocaram uma tradução simultânea para as transmissões em inglês e deixavam em português para o serviço do Brasil e Portugal. Eu tive uma enorme satisfação em realizar essa cobertura. Não deixa de ser uma medalhinha colocada no peito, não é?

P – Você foi a todas as Copas?

LM – Quase todas. Depois de 1950, só a essa última eu não fui. Com essa última aconteceu uma coisa engraçada, como eu não fui, pude assistir a todos os jogos, mas estava trabalhando. Nas outras, como eu estava trabalhando lá, não vi tantos jogos como eu vi nesta que eu não fui. Inacreditavelmente, eu vi todos os jogos pela televisão.

P – Como você fazia durante os jogos simultâneos?

LM – Quando havia dois jogos simultâneos, tinha um outro aparelho do lado no jogo simultâneo. Então, eu vi toda a Copa. Como diz no Alcorão, “já que a montanha não vem a Maomé, Maomé vai à montanha”. No caso desta última Copa, a montanha veio ao Maomé. Quem não foi à montanha foi exatamente o Maomé.

P – Já que você foi a tantas Copas, gostaríamos que você nos contasse algumas curiosidades jornalísticas dessas coberturas.

LM – Eu estou escrevendo um livro que nasceu de um programa que eu apresentei no sistema *Globo* de rádio, contando historinhas à margem da Copa do Mundo, estou quase no fim dele, ele vai sair pela Gryphus, uma editora de livros esportivos. Eu não estava na Copa de 1938, eu era muito menino, mas mesmo assim eu conheço fatos que ocorreram nessa Copa. Por exemplo, o Brasil foi de navio para a Copa da França de 1938, aliás, essa era a condução natural dos times de futebol, o vapor, navio era vapor naquela época. O Brasil chegou lá para jogar e teve que fazer o caminho daqui para o porto de Marselha sem treinar, a não ser preparo físico, que era feito no tombadilho do navio. Aquela seleção era muito boa, talvez a maior seleção que se organizou

naquela primeira fase do futebol. O Brasil tinha jogado em 1930 e 1934 com seleções inteiramente desfalcadas, porque São Paulo não cedia seus jogadores, não era uma seleção brasileira, era uma seleção carioca, reforçada aqui e ali por alguns gaúchos ou por alguns paulistas que furavam o bloqueio e enfrentavam a proibição da federação paulista. Em 1938, o país levou-se uma grande seleção e havia um zagueiro chamado Jaú, que era do time B, porque o titular do time A era o Domingos da Guia, e o Jaú sentou, na primeira noite de jantar, no refeitório do navio, ele viu uma tigela com umas rodela de limão, que é para o chamado lavabo, onde os caras lavam as mãos quando é servida alguma comida em que usa as mãos para come-la. Bem, eles botaram aquilo ali na frente dele, ele viu e não teve dúvida, pegou e bebeu. Em seguida, comentou “essa limonada está meio sem açúcar”. Por aí você vê, são coisas que a gente sabe por alguém que estava lá e me passou a informação anos depois. Contam, por exemplo, que o Perácio, chegou um dia na frente de um posto de gasolina para botar gasolina em um Pacar que ele tinha e na hora em que o rapazinho estava botando a gasolina no tanque, ele saiu do carro um pouquinho – era conversível o carro dele – e acendeu um fósforo para acender um cigarro. O frentista virou para ele e disse assim “seu Perácio, cuidado! Não pode riscar fósforo aqui”. Ele disse “ah, eu não sou supersticioso”.

P – Não tem muito de folclore nessas histórias?

LM – Essas coisas aconteciam com os jogadores. O Perácio era titular da seleção brasileira de 1938, o Jaú não era titular, era da outra, eram duas as seleções, ambas muito boas por sinal, cheias de jogadores famosos. A principal era formada pelo Batatais, Domingos e Machado, Zezé Procópio, Martinho Silveira e Afonsinho, Lopes, Romeu, Leônidas, Perácio e Hércules. Esse era o time principal, só tinha cobra. Não havia nenhum que não fosse um grande jogador de futebol. A outra também era espetacular.

P – E em termos de cobertura jornalística, houve alguma curiosidade que você tenha presenciado ou até acontecido com você mesmo?

LM – Houve um caso curioso na volta do Brasil da Copa de 1938, isso me foi contado pelo Geraldo Romualdo da Silva, repórter de quem eu tenho muita saudade. No jogo que o Brasil ganhou da Polônia por 6 a 5, o Leônidas fez quatro gols e o Wilimovski, jogador polonês, também fez quatro gols. Quando o campeonato terminou, o time do Brasil voltou novamente de navio. E o Fernando Giudicelli, que havia sido jogador da seleção brasileira de 1934 e que era jornalista, escreveu uma reportagem em um jornal que se chamava *A Nota*, aqui no Rio de Janeiro, em que divulgou que o Wilimovski estava vindo para o Brasil para jogar no Flamengo. Poxa, a torcida do Flamengo foi toda lá para receber o Wilimovski e o cara nem estava no navio, estava tranquilo na Polônia, sem a menor chance de vir jogar no Flamengo. Essas coisas aconteceram e foram curiosas, naquele tempo não havia como desmentir imediatamente. Hoje, isso aí, se não entrar na *internet*, ninguém acredita. Não é mesmo?

P – Nessa época, como se dava a transmissão de matérias do exterior para cá?

LM – Havia um negócio que já era importante, a rádio-foto. Era um processo muito interessante. Os repórteres tinham o equipamento no próprio quarto do hotel. Eu cheguei a ter contato com a rádio-foto, mas já bem mais para cá no tempo. O cara levava o equipamento que o jornal cedia para ele, pegava uma foto, colocava ali e fazia uma chamada telefônica, a imagem chegava aqui na redação do jornal e eles copiavam. Era já uma antecipação da televisão. A rádio-foto já existia e todos os jornais saíam, no dia seguinte, com as fotografias do jogo que não vinha em teipes. Quando eu fui fazer o campeonato do mundo em Santiago, no Chile, eu já mandava os jogos em teipes. Do aeroporto, a gente enviava o teipe, e no dia seguinte, pela manhã, o jogo era transmitido na *TV Rio*. Não havia era transmissão direta, a gente usava o transporte aéreo, que não deixava de ser lento. Eu tenho informações de que, no começo, quando o Brasil jogava fora do país não havia transmissão sequer radiofônica diretamente de outro país, isso antes de 1936. Havia rádio no Brasil, mas transmissão de fora, não, nem de outro estado. Era muito difícil você fazer um jogo de Curitiba para o Rio ou de Porto Alegre para o Rio. Era mais fácil fazer de Belo Horizonte e de São Paulo porque entre as três cidades havia o chamado triângulo telefônico.

São cidades mais próximas entre si, então, esse triângulo, dava a possibilidade de fazer um jogo de São Paulo para o Rio ou vice-versa, de Minas para cá, ou daqui para Minas. Isso era possível, mas dos demais estados era muito difícil conseguir uma transmissão.

P – Como eram realizadas as transmissões das Copas anteriores à de 1938?

LM – Na Copa de 34, por exemplo, o Brasil estava jogando e os jornais faziam um placar imenso na frente das redações com as informações sobre o jogo em curso, enchia de gente, os telegramas iam pingando na redação e o placar ia sendo atualizado a cada novidade que chegava: “ aos 18 minutos, houve um escanteio a favor da Itália ” , “ o escanteio foi batido e o goleiro fez a defesa ” . Aí o público batia palmas. Algumas vezes a informação chegava depois de uma hora do cara ter feito a defesa. As empresas que transmitiam os telegramas de lá para cá eram a *Western* e a *Ital Cable*, eram telegramas internacionais que vinham por cabo submarino. Um amigo meu me contou que no jogo Brasil e Chile, pelo campeonato sul-americano, fizeram esse sistema e aí “ defesa sensacional de Kuntz ” , esse era o nome do goleiro brasileiro. Aí, o público batia palmas, vibrava, quando havia um gol do Brasil, o público gritava, vibrava, e o gol já havia acontecido há mais de meia hora.

P – Você se adaptou bem às mudanças tecnológicas?

LM – Bem, eu não cheguei a pegar essa época, eu só comecei a trabalhar em 1942. Mas, eu conheço essa história porque era amigo de cronistas que não estão mais conosco, eu era o mais jovem da turma durante um período. Eu também já fui o mais jovem. Hoje, eles dizem que eu sou o decano. E, provavelmente, sou mesmo. Mas já fui o mais jovem. Eu me lembro de uma reunião que o Flávio Costa fez para a escala dos adversários do Brasil na quadrangular final da Copa de 1950, ele escolheu primeiro a Suécia, segundo a Espanha e terceiro o Uruguai. Nós fomos reunidos em uma sala da CBD, que funcionava na rua do Carmo, para dar opinião e todos aprovaram. Eu levantei o dedo feito aluno, porque ainda tinha o cheiro das fraldas, mas levantei o dedo para dizer que eu queria falar. O presidente em exercício da CBD, o Mário Pólo, porque o presidente mesmo era o Rivadávia Correia Meyer que estava doente, me perguntou “ por que é que você contesta? ” . E eu reafirmei “ eu contesto, bota o Uruguai para primeiro. Não quero pegar os uruguaios na final ” . Aí todos perguntaram “ por que isso? ” . E eu respondi “ porque os uruguaios na final viram mais homem do que todo mundo. É muito perigoso pegar o Uruguai em uma final ” . Todos zombaram de mim, “ isso é gauchada sua ” . Eu sou gaúcho e os uruguaios são *gauchos*. Ali não tem nem água para separar a fronteira de um território para o outro, eu os conheço bem, é impressionante como eles são bárbaros e valentes. Eu acho que valentia é a primeira coisa que um pai ensina a um filho urguiaio. E eu tinha total razão. Eles me gozaram lá, acharam que era coisa de menino, e, na verdade, quem tinha razão era eu. Nós ganhamos de 6 a 1 da Espanha, de 7 a 1 da Suécia e perdemos para o Uruguai, porque botamos aquele jogo para a final. Se o jogo fosse colocado no começo, nós teríamos sido campeões do mundo.

P – E como é que foi o seu relacionamento com todas essas personalidades do jornalismo esportivo com as quais você conviveu, como o João Saldanha, o Nelson Rodrigues, o Armando Nogueira?

LM – Foi sempre muito agradável. O Nelson Rodrigues era uma figura curiosa, ele assistia um jogo ao lado da gente, quando o público gritava, vaiava, ele perguntava “ o que foi que aconteceu? ” . Aí a gente contava “ foi o fulano que furou ali, o goleiro soltou uma bola etc. ” . Porque ele não via nada do jogo, sentava do lado mas nem olhava para o jogo. Eu tinha um relacionamento muito bom com todos eles. Até me lembro de um fato curioso que se passou comigo e com o Nelson. Ele lançou uma coluna no *Jornal dos Sports* que se chamava *Meu Personagem da Semana*. Eu havia aprendido, no pouco tempo em que estudei, que personagem era uma palavra que por ser advinda de uma palavra feminina era também uma palavra feminina. Não poderia ser o *Meu Personagem da Semana*. Tinha que ser a *Minha Personagem da Semana*. E eu falei isso com ele “ Nelson, você colocou um título na coluna que está contrariando a gramática ” , e ele me disse “ se contraria a gramática, pior pra gramática ” . E ficou por isso mesmo. Ele tinha essa personalidade. Eu vejo mesmo atores dizendo assim “ ah,

eu fiz um personagem”, se ele é homem, e se é mulher “ah, eu fiz uma personagem”. Ela está dizendo certo mas não está sabendo porque está dizendo certo. É porque ela é mulher e acha que a palavra tem que ser feminina. Mas a palavra é feminina.

P – Nos podemos dizer que o Nelson Rodrigues era alguém que escrevia sobre futebol, mas que ia além do próprio jogo?

LM – Sim.

P – Hoje em isso não existe mais?

LM – Creio que não, esse tipo de cronista, não. Provavelmente, o Fernando Calazans tem ainda algumas pinceladas dessa característica. Mas não existe mais aquele tipo de cronista criativo, que inventava coisa como o Sobrenatural de Almeida.

P – A que você atribui isso?

LM – O Nelson era um romancista, um homem genial. Uma vez ele deu uma entrevista dizendo que o lugar mais longe a que ele foi ou a que ele iria era o Méier. E ele dizia que quando ele ia ao Méier aquilo era uma viagem para ele. E um dia eu o encontrei em uma barca da Cantareira, indo para Niterói em um dia em que o Fluminense jogava lá. A primeira pessoa que eu vejo no meio daquela gente que fica na rampa de embarque e desembarque foi o Nelson. Estava com os amigos e ia ver o Fluminense jogar. Aí eu digo “ô Nelson, tudo bem?”. Ele disse “para você ver a que me leva o Fluminense: fazer a travessia do Atlântico”.

P – Mas isso se deve a ele mesmo ou na época também havia um pouco esse estilo?

LM – Não, essa era mesmo uma característica dele. Eu sempre procurei, quando narrava futebol, uma explicação para o inexplicável, e não conseguia encontrar. Como um pênalti que bateram contra o Fluminense há pouco tempo, eu nunca vi isso na minha vida, um jogador resvalar e escorregar na hora de bater um pênalti. Foi a primeira vez que eu vi. Isso é o inexplicável. Como é que acontece uma coisa dessas? Um dia eu falei isso para o Nelson. Aí ele respondeu “nós vamos arrumar uma explicação”. E arrumou, o Sobrenatural de Almeida, pronto! E como o Sobrenatural de Almeida é filho do Nelson, evidentemente é tricolor. É por isso que o Guilherme, do Fluminense, na hora daquele pênalti, escorregou.

P – Você falou do João Saldanha como técnico, mas como era o jornalista?

LM – Ele era um cidadão de muita personalidade. Ele não era bom de texto, os artigos do João pareciam redação de menino de colégio. O jeito de ele escrever era muito simples, à sua maneira, ele não pontuava muito bem. No jornal, sempre tinha aquele pessoal do copidesque, que fazia a correção e dava um jeito no texto. Agora, ele era talentoso, tinha imagens maravilhosas, conhecia muito o futebol e era um homem digno da admiração de todos pelo seu conhecimento e honestidade.

P – Dizem que falando ele era muito bom.

LM – Ele falava muito naturalmente, mas cometia os mesmos erros de português. Como eu tinha muita intimidade com ele, falei com ele sobre isso “João, por que é que você fala seja se você escreve seja?”. Ele disse assim “é porque o povo fala assim”. Aí nós tivemos uma pequena discussão. E eu disse para ele “não, nossa obrigação no rádio é ensinar o povo e não referendar os seus erros. Você está fazendo a contramão. Se você não soubesse que é seja, eu até admito que você dissesse seja”. “Ah, não. Eu falo como o povo fala”. Realmente, ele tinha um linguajar muito que a gramática condenaria.

P – E o Mário Filho?

LM – Ah, esse era espetacular. Esse não foi simplesmente um cronista esportivo, um jornalista, ele foi um sociólogo. Ele tem livros, quem não leu *O Negro no Futebol Brasileiro*, deveria ler para ver o trabalho maravilhoso que é. Ele mostra tudo o que representou o negro dentro do nosso futebol, é mesmo um livro de sociologia. Espetacular! E ele escrevia muito bem, tinha estilo próprio também, muito diferente do estilo do irmão Nelson, mas muito particular. A pontuação dele era completamente revolucionária.

P – Por quê?

LM – Ele escrevia em tópicos “a Maria Aparecida é muito bonita. Ponto. Bonita porque sorri, porque isso, porque aquilo. Ponto”. E assim ele ia fazendo. Quase como se estivesse conversando.

P – A televisão e a mídia em geral dá mais atenção ao futebol do que aos outros esportes, a que você atribui isso?

LM – Creio que é uma preferência natural. Há um enorme percentual de adeptos do futebol se compararmos com os outros esportes. E há também um fenômeno curioso, a partir do advento da televisão, outros esportes passaram a crescer. Eu me lembro que eu fiz um programa de boxe na TV, de 1955 até quase os anos 70, que ajudou muito a projetar o boxe no Brasil. A partir daí surgiram grandes valores no boxe, como foi o caso do Éder Jofre, do Luiz Inácio, que não tem nada a ver com o Lula, do Fernando Barreto, outro que era um grande boxeador meio-pesado e Raimundo de Jesus, lutadores que chegaram a ter projeção internacional. Tudo em consequência do apoio que a televisão deu levando aquele esporte aos lares brasileiros. Posteriormente, o Luciano do Valle apostou no voleibol, que era um esporte inexpressivo no Brasil. As pessoas gostavam do voleibol feminino, principalmente os homens, porque as meninas iam bonitinhas, mas jogar que era bom, elas jogavam pouco. A partir da cobertura da *TV Bandeirantes*, o voleibol começou a ter uma maior projeção e passou a surgirem grandes valores no voleibol. Hoje o voleibol é um esporte muito bem situado. Com o basquetebol foi a mesma coisa, e hoje o que mais faz propaganda do basquetebol é a transmissão da NBA, a liga norte-americana que exhibe jogos verdadeiramente impressionantes. Então esses outros esportes começaram a crescer no Brasil, mas antes, era só o futebol mesmo. E quem conhecia um remador...

P – E o turfe?

LM – O turfe é uma paixão mais de quem gosta de apostar.

P – Mas já teve um grande destaque nas páginas de esportes?

LM – Realmente havia turfe na página de esportes, hoje, nem isso. Só há destaque quando tem Grande Prêmio Brasil. O remo, por exemplo, foi o primeiro grande esporte do Brasil. Quase todos os clubes foram criados para abrigar as ligas de remo. O Botafogo foi fundado em 1894, como Clube de Regatas Botafogo, ele é mais antigo do que o Flamengo, que começou em 1895 como Clube de Regatas do Flamengo. O Vasco veio em 1898 como Clube de Regatas Vasco da Gama. No Botafogo, o clube de futebol começou em 1904, separado do clube de regatas, o nome era Botafogo Futebol Clube. O Flamengo não tinha futebol, só remo. E o Vasco da Gama também, só tinha remo. Em 1942 o remo e o futebol do Botafogo se fundiram, por coincidência, ambos usavam as mesmas cores: preto e branco. Na bandeira e na camisa do Clube de Regatas Botafogo havia uma estrela solitária que na hora da fusão foi tomada para ser o distintivo do Botafogo de Futebol e Regatas, fundado em 8 de dezembro de 1942. Então o Botafogo não sabia se comemorava o centenário do clube na data da fundação do clube de remo, o que não foi feito em 1994 ou agora, em 2004. Pode ser que comemore com o advento do futebol. E em 2042 vai comemorar outro centenário, o da fusão. Coisa que só acontece com o Botafogo, ter três

centenários para comemorar. O Flamengo introduziu o futebol em 1911 quando o Fluminense Futebol Clube teve uma cisão interna e a maioria dos jogadores saiu para o Flamengo. O Flamengo só estreou no campeonato carioca em 1912, então o futebol no Flamengo é de 1912 e o do Vasco, de 1916. O Vasco entrou pela segunda divisão, então muita gente me pergunta se é verdade que o Vasco já esteve na segunda divisão, eu digo “esteve”, mas foi para começo, ele nunca caiu, como agora aconteceu com o Botafogo, como já aconteceu com o Fluminense que caiu até para a terceira. Não há possibilidade de se poder dizer que o Vasco já caiu para a segunda divisão, ele veio para a primeira divisão através da segunda, veio pelo degrau certo, e depois que subiu para a primeira, nunca mais caiu. Esses clubes são verdadeiramente divergentes aos olhos do público. Me perguntam “como é que o Flamengo comemorou centenário se ele nasceu do Fluminense e o Fluminense ainda não comemorou o centenário, que só completa em 2002”. É necessária toda essa explicação para explicar por que o Fluminense é o pai do Flamengo, como muita gente diz.

P – Você considera que já existem hoje algumas publicações que dão ênfase semelhante a todos os esportes?

LM – Não, ainda não. O jornal *O Globo*, por exemplo, eu tenho visto até dar mais atenção ao voleibol, ao basquete e a outros esportes do que ao futebol. Às vezes, só nas páginas de dentro do jornal, eu leio as coisas que eu quero ler sobre futebol e na página principal aparecem os outros esportes. Eles estão fazendo de tudo para colocar os outros esportes mais nivelados. Mas, ainda não conseguiram, a paixão pelo futebol é mundial, eu nem sei se não é interplanetária. No dia que o homem chegar a algum desses outros planetas habitados, provavelmente, lá vai ter um time de futebol.

P – Em relação aos encontros internacionais de futebol, você crê que eles servem para que o público tenha um conhecimento maior do mundo? Por exemplo, em relação à Copa Libertadores da América, você acha que alguém reflete sobre quem foram os libertadores da América?

LM – Realmente, eu nunca li nada sobre os libertadores da América aos quais você se referiu. Por exemplo, Bolívar é um dos libertadores, ele libertou vários países, inclusive o Panamá na América Central. E o nosso libertador foi D. Pedro I quando proclamou nossa independência. Até diziam que o Brasil não conseguia ganhar a Libertadores porque os libertadores dos outros países fizeram a liberdade dos seus países através do sangue, da morte, da vida, enfim, das batalhas e das guerras e que nós não. A versão extra-oficial diz que D. Pedro I teve um problema intestinal, parou no caminho e foi alcançado por um emissário que mandou que ele proclamasse a República antes que um aventureiro chegasse e colocasse a coroa na cabeça. E ele aí montou em um cavalo e gritou “independência ou morte!”. Não houve um tiro para que o Brasil conquistasse a sua independência. Por isso, diziam que os outros países tinham uma garra maior para ganhar a Copa Libertadores. A Copa Libertadores homenageia o Riggs, que foi o Libertador do Chile, o San Martín, que foi libertador da Argentina, o Bolívar e outros que libertaram os seus países. Sendo que o Simon Bolívar queria formar um Estados Unidos da América do Sul. Era o que ele queria, mas não conseguiu.

P – Mas você não vê a imprensa informando nada disso.

LM – A imprensa não dá esse tipo de informação, poucas pessoas têm interesse. Eu dou essa informação com frequência.

P – O quê que falta para a imprensa fazer isso?

LM – Conhecimento. Se você fizer um teste com jornalistas, me perdoe, mas eles não sabem quem foi que libertou o Uruguai, quem foi que libertou a Argentina. Eles não sabem que aquela estátua que está na Lagoa é do San Martín, que aquela estátua que está na frente da sede do Botafogo, em frente ao Rio Sul, é do Simon Bolívar, eles não sabem nada. Não sabem e nem querem saber. Aquele sujeito naquele cavalo não joga em time nenhum, qual é a importância de se saber?

P – O Canal 100 desenvolveu uma nova linguagem para narrar e filmar o futebol. Você poderia apontar algo semelhante acontecendo hoje em dia ou até em outras épocas também?

LM – O Canal 100 inovou. Antigamente, filmava-se um jogo seguindo a bola como se faz hoje na televisão, só mostrando aquilo que acontecia, no máximo, abrindo a lente, fechando a lente. Mas, o Canal 100 inovou. Fez tomadas mais próximas e, sem dúvida alguma, foi um ponto de partida para uma revolução de imagens no cinema, porque aquilo era cinema. O videoteipe acabou com isso, o videoteipe é de uma precisão absoluta. O avanço eletrônico também contribuiu para a diminuição da ousadia do Canal 100, ele faz o *slow motion* e a repetição dos lances em câmera lenta. Eu sempre digo que Deus é superior ao homem, mas, em algumas coisas às vezes o homem supera Deus. A vista humana, feita por Deus, não tem a precisão da vista da câmera, que foi feita pelo homem. Porque você não vê se a bola partiu antes de um jogador se deslocar para a posição adiantada para receber a bola, mas a câmera te mostra. O juiz, portanto, está sujeito a errar, o bandeirinha também, porque eles se valem apenas da vista humana, da vista que foi feita por Deus, e as câmeras se valem da eletrônica que foi feita pelo homem.

P – Existe no jornalismo esportivo alguma pressão por parte das chefias para se dizer o que deve ou não ser publicado, como muitas vezes ocorre nas editorias internacional, economia etc.?

LM – Olha, eu nunca recebi pressão alguma. A única coisa que eu recebi foi, faz um ano ou dois, eu recebi uma cartilha, que vinha a ser um procedimento ético dos componentes da equipe da *Rádio Globo*. E lá tinha um item que dizia assim: não pode torcer por clube algum, tem que ser absolutamente imparcial. Mas eu sempre agi desta forma. Mas, há jornalistas que chegam a publicar o seu clube de predileção, e que dizem que vêm de chuteira, de caneleira, afinal de contas o Fluminense tem que ganhar, como o meu companheiro querido, o Gérson, faz muitas vezes. Então, frontalmente, ele deu um chute, ele sempre chutou bem, e deve ter sido de canhota, nesse item do código de ética que foi lançado pela *Rádio Globo*, ele jamais seguiu código algum. E ninguém falou nada com ele, quer dizer não há pressão, porque uma vez que ele errasse já podia ser repreendido “olha, você está fugindo do nosso código de ética”, mas ninguém fez nada. O código de ética continua dentro da minha pasta, eu continuo a segui-lo, mas vejo que nem todos o seguem. Portanto, creio que não haja pressão nesse sentido.

P – De que forma você acha que a imprensa influencia a formação da seleção brasileira?

LM – Há coisas curiosas nesse particular: tanto as pessoas que escrevem, como as pessoas que torcem, querem jogadores dos times pelos quais elas torcem na seleção brasileira. Eu vou até contar um episódio que se passou comigo na Copa de 1958. Houve um programa de despedida que nós fizemos no auditório da antiga *TV Rio*, que ficava no Posto 6. Então houve uma mesa-redonda em que perguntavam coisas para os jornalistas que iriam cobrir a Copa. Eu e outros companheiros estávamos todos ali, até que alguém me perguntou se eu mudaria a seleção brasileira se me coubesse fazer a escalação do time. Eu disse “eu colocaria o Djalma Santos no lugar do De Sordi, o Garrincha no lugar do Joel e o Pelé no lugar do Dida.” Recebi uma vaia horrorosa, a torcida do Flamengo estava toda lá. Eu não me lembrei que o Joel e o Dida jogavam no Flamengo e eles queriam o Joel no lugar do Garrincha e o Dida no lugar do Pelé. Por que? Porque são torcedores, eles primeiro vêm o time deles, depois o do país. E eu estava vendo somente o Brasil, eu queria um time melhor para o Brasil. E afinal, lá acabou acontecendo o que eu previ, quando viram que o time estava com dificuldades naquele empate com a Inglaterra e viram que a coisa estava feia para marcar o País de Gales, colocaram o Garrincha contra a Rússia e o Pelé, e a partir daí o time foi campeão do mundo. E eu fiquei triste porque não fizeram uma nova mesa-redonda com aquele mesmo público para eu devolver a vaia para eles.

P – O Brasil e a União Soviética possuíam dois estilos completamente diferentes de jogar futebol, dizia-se que a União Soviética ganharia porque tinha um futebol científico, havia essa reflexão na imprensa?

LM – Havia. Todo mundo publicou aqui, na época, que os Russos estudaram como marcar o Garrincha, e chegaram mesmo a dizer que o Garrincha não jogaria nada contra eles, que eles tinham um sistema de marcação infalível para acabar com o Garrincha. Mas foi o Garrincha quem acabou com eles, chegou, driblou duas vezes, foi no fundo, deu a bola pra trás, o Vavá emendou... duas vezes ele fez isso. A Rússia perdeu por 2 a 0, e foi justamente o Garrincha quem acabou com eles, os que disseram que iam acabar com ele. Futebol pode ter muito de ciência, mas não é científico. Tem a ciência do jogo, a tática de jogo tem que se estabelecer, se você sabe que o adversário tem um lateral esquerdo fraco, você vai atacar por ali, isso faz parte da tática, mas não é uma ciência exata, porque às vezes, aparece aquele sujeito que marca aquele jogador imarcável e acaba com o esquema todo, é ou não é verdade? Então é isso aí. Você tinha feito uma pergunta anterior dizendo se a imprensa influi na escolha dos jogadores...

P – Sim, mas não só na escolha, por exemplo, em 1982 o Brasil perdeu a Copa, mas tinha um time muito bom e também saiu com aquela história de campeão moral. Depois, falou-se que tínhamos perdido justamente por irresponsabilidade. Que o time não jogou sério, que jogou firulando etc.

LM – Eu digo para você que nós perdemos a Copa de 1982 por uma razão simples: teimosia. Porque não podia jogar o Serginho Chulapa no lugar do Roberto Dinamite, o Roberto Dinamite ficou sentado no banco. O Roberto Dinamite marcou na carreira 757 gols e o Serginho Chulapa não marcou 300. Mas o técnico achava que era o Serginho Chulapa. Eu, que tinha muita intimidade com o Telê, que eu considero um grande técnico, mas como qualquer comum mortal, não é infalível, eu lhe disse duas coisas “ para mim, você não pode jogar sem o Batista, não pode jogar sem o Edinho e não pode jogar sem o Roberto Dinamite. Por que o Edinho? Ele tinha muito mais espírito de Copa do que o Luisinho, que era um jogador flácido, cheio de enfeite no futebol, mas na defesa, um jogador na defesa jogar aquele futebol de time, de clube, não era para uma seleção, para um campeonato do mundo. O Edinho tinha aquele espírito guerreiro, ele era uma barreira, ele era espetacular, mas ficou de fora. O Roberto Dinamite era goleador, um belo jogador e ficou de fora para jogar o Chulapa e o Toninho Cerezo, peladeiro de marca maior, entrou no lugar do Batista e aí nós perdemos a Copa naquele jogo com a Itália, e quem foi o maior responsável pela derrota? O Telê também deixou o Leão comentando futebol na *Rádio Gaúcha*, o Leão tinha sido campeão um ano antes no Grêmio, o Grêmio foi campeão brasileiro e ele foi goleiro, ele convocou Valdir Peres, um dos maiores frangueiros da história do futebol, e deixou o Leão fora de campo, ele ficava ao meu lado nas cabines de imprensa comentando para a *Rádio Gaúcha*. O lugar dele era lá dentro do campo fazendo a defesa do gol. Então, mesmo um líder da opinião da crônica esportiva, que todo mundo diz que foi o melhor técnico brasileiro de todos os tempos, e que eu acho que foi um grande técnico, cometeu seus erros. Agora, a imprensa influi. Quase derrubou o Felipão, que ganhou invicto o campeonato mundial de 2002. O Felipão saiu heroicamente, não podem dizer nada contra o Felipão. Eu tinha um grande otimismo porque eu acredito em Deus. Eu via uma injustiça tão grande com aquele homem, que eu tinha certeza que ele seria beneficiado pelo apoio de Deus.

P – Além da paixão, qual a mensagem que você daria para os jornalistas que querem entrar na área de esportes?

LM – É preciso muita coisa, inclusive lutar para abrir os espaços que estão fechados. O espaço dos jornalistas está sendo ocupado por ex-jogadores de futebol. E não é só no esporte, também em outros setores. Eu vejo um ex-cineasta ocupar a crônica de um jornal importante. Só porque ele foi um cineasta ele passa a ser comentarista político ou internacional, sei lá, e esses lugares não podem ser preenchidos por quem não tem diploma de jornalista. A atividade jornalística tem que ser ocupada por jornalistas. Vocês estão se formando e não estão encontrando lugares. Vocês têm que lutar, pintar a cara, como pintaram para as diretas já. Porque não pintar a cara e ir para a porta do Ministério do Trabalho e reivindicar o cumprimento da lei. Afinal, vocês estão estudando para exercer a profissão no futuro, mas a sua profissão está sendo inteiramente fechada para vocês, por incrível que pareça. Não para mim, porque eu já construí, ao longo de muitos anos, o que chamam de nome. Eu estou dizendo isso pela geração de vocês que vai encontrar, no futuro, as portas fechadas quando devia encontrar as portas abertas.

P – O que é necessário para ser um bom jornalista esportivo?

LM – Primeiro, seguir a ética, procurar ouvir muito rádio, assistir aos programas de televisão para aprender a técnica com que se deve ler uma notícia, com que se deve fazer um comentário, aprender as inflexões necessárias. Eu vejo que os novos jornalistas saem muito crus da faculdade, eles não têm a menor inflexão, não sabem transmitir a notícia. O estilo do rádio, por exemplo, tem que ser a partir do que foi o Heron Domingues, que criou até a manchete no rádio, que saía de uma notícia num tom e ia para outra em outro tom, porque as notícias têm diferentes aspectos e características. Ele sabia fazer e você sentia ao ouvi-lo no rádio, na televisão ele também fez isso, outros fizeram e ainda fazem. Eles dão uma nota fúnebre com um tom, e até cara triste, às vezes parece que o cara é parente. A notícia sobre um baile carnavalesco não pode ser dada com a mesma cara com que se dá uma notícia fúnebre. Essas coisas, vocês têm que observar, tem que ter a sensibilidade para dar uma notícia a partir de seu conteúdo.